

**"A MINHA CARNE PARA A VIDA
DO MUNDO"**
**CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIMENSÃO
EUCARÍSTICA DE JO 6,1-71**

Alberto Casalegno SJ

Na carta apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, item 55, o Santo Padre João Paulo II declara que o atual ano jubilar, além de ser orientado à glorificação da Santíssima Trindade, deve ter caráter eucarístico. Esta dimensão é frisada em particular pela celebração do Congresso Eucarístico Internacional, realizado em Roma no mês de junho. Com efeito, é na Eucaristia que "o mesmo Salvador que se encarnou no seio de Maria continua se oferecendo à humanidade como fonte de vida divina"; é ao redor dela que encontram sua unidade as multidões de romeiros, de culturas e tradições diferentes, que, de todo o mundo, convergem para o jubileu na Terra Santa e em Roma.

Nesse particular momento eclesial, uma reflexão sobre a Eucaristia se torna importante. Sabe-se que, desde o início da Igreja, este sacramento sempre representou um elemento básico da vida dos fiéis. Realçam isso os Atos dos Apóstolos, destacando que se a comunidade cristã continua freqüentando o templo, encontra na "fração do pão", celebrada nas casas, o elemento específico que a caracteriza (2,42-47).

A antigüidade desta celebração é, de resto, indicada pela fórmula de instituição de 1Cor 11,23-25, redigida provavelmente nos anos quarenta, pouco depois da conversão de Paulo¹.

O presente estudo se propõe reconsiderar o cap. 6 do Evangelho de João, no qual o quarto evangelista, no final do primeiro século, reflete sobre o sacramento da Eucaristia. Faz isso de maneira sintética e original, sem mencionar o relato da instituição, à luz do grande evento veterotestamentário do dom do maná, desenvolvendo com modulações diferentes o tema do pão que desce do céu.

1. Vários níveis de leitura do texto

O relato joanino é bem articulado. Ao sinal da multiplicação dos pães e dos peixes (6,1-15) e à perícopa de Jesus andando sobre as águas (vv. 16-21), que constituem um bloco de material proveniente da tradição (cf Mc 6,32-44.45-52), o evangelista faz seguir o longo discurso de Jesus na sinagoga de Cafarnaum (vv. 26-71). Os dois episódios e o discurso estão em relação entre si e se iluminam reciprocamente, formando um conjunto compacto ao redor do tema de Jesus pão da vida.

1.1. A dimensão cristológica do texto

É preciso notar que a temática do capítulo não é, em primeiro lugar, eucarística, mas sim cristológica, porque no quarto evangelho os sinais falam de Jesus. Por isso, Jo 6 é basicamente uma revelação da identidade de Jesus, apresentado não só como o doador do pão que desce do céu, mas como o próprio pão do céu, oferecido aos que creem. Esta perspectiva é desenvolvida, em particular, nos dois momentos principais do discurso, nos quais se articula a reflexão do autor, constituídos por Jo 6,32-47 e 6,48-59, que seguem a introdução narrativa do mesmo (vv. 22-25) e a enunciação do tema (vv. 26-31).

No primeiro momento (vv. 32-47), sob a metáfora do pão, apresenta-se Jesus como aquele que, descendo do céu (v. 33), é por excelência o enviado do Pai (vv. 38.39.44). Sua função é a de dar a vida ao mundo (vv. 33.40). Mencionando a crítica dos judeus que consideram Jesus simplesmente com "o filho de José", sem acreditar que ele venha da parte de Deus (v. 42), o evangelista destaca a dimensão transcendente

¹ Nela não aparece ainda a estilização e o paralelismo da linguagem dos relatos sinóticos. Cf J. BETZ, "Fundamentos e Dogmática Histórico-Salvífica. A Igreja. Eucaristia: mistério central", in *Mysterium Salutis* IV/5, Petrópolis: Vozes, 1977, 10-12.

do enviado. A identidade deste pode, portanto, ser compreendida só na força da fé, sobre a qual o autor insiste particularmente nos vv. 36.40.47, especificando que essa não é adesão a uma doutrina, mas um encontro pessoal com Jesus (vv. 34.36.40.44).

O segundo momento do relato (vv. 48-59) apresenta Jesus como aquele que se oferece para a vida do mundo, como indica em particular o v. 51: "O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo". Tanto o verbo "dar" que, em 13,16; 18,11, aponta para o evento pascal, como a preposição "para" (*ὑπέρ*, *hypér*), com o sentido de "a favor de" que se encontra ainda em 10,11.15; 11,50.51c.52a; 1Jo 2,2 para designar a finalidade salvífica da oferta de Cristo, indicam que o evangelista está se referindo à oblação de Cristo na cruz. À luz da teologia do servo do Senhor que se oferece pelos pecados do povo (Is 53,5.11-12), esta é apresentada como uma entrega voluntária e sacrificial².

Nos vv. 48-59, o pão que tira a fome é, portanto, Jesus, considerado não mais como simples enviado do Pai, mas como aquele que se oferece em holocausto para a salvação do mundo.

Nesse contexto cristológico se torna claro que a contínua insistência sobre o "comer" e o "beber" a carne e o sangue do Filho do Homem, não representa, em primeiro lugar, um convite a se alimentar da Eucaristia, tema incompreensível para os ouvintes do discurso de Jesus, mas uma exortação a acreditar. O autor utiliza, de fato, a mesma terminologia da primeira parte do discurso: "Quem vem a mim, nunca mais terá fome e o que crê em mim nunca mais terá sede" (v. 34), para animar sua comunidade a acolher plenamente o Cristo no seu mistério redentor.

Depois do fim do discurso (v. 59), na parte narrativa que segue (vv. 60-66) antes da conclusão (vv. 67-71), o autor evidencia outro aspecto da identidade de Jesus: sua glorificação. Faz isso através a expressão elíptica e interrogativa: "E quando virdes o Filho do Homem subir aonde estava antes?" (v. 62), destinada a aumentar o escândalo dos discípulos que se dividem perante as pretensões de Jesus dizendo: "Esta palavra é dura! Quem pode escutá-la?". À luz da dimensão cristológica do discurso, a expressão manifesta a recusa à salvação proporcionada pelo sacrifício daquele que é considerado um simples homem, do qual todos conhecem o pai e a mãe.

No texto, Jesus é, portanto, apresentado segundo três grandes perspectivas: como enviado de Deus, como o Senhor que oferece sua vida pela salvação do mundo, como o Filho do Homem glorificado pelo Pai.

² Também o verbo no futuro ("darei") do v. 51 aponta para um momento posterior da vida de Jesus.

1.2. O pano de fundo

Nesta variegada apresentação de Jesus, sob a metáfora do pão de vida, o autor se inspira no tema veterotestamentário do maná que desce do céu e alimenta o povo (Ex 16,1-36; Dt 8,2-3; Sb 16,26). Frisa isso a partir do início das palavras de Jesus, estabelecendo uma confrontação entre ele e Moisés³. Com efeito, todo o discurso joanino é um *midrash* dos textos combinados de Sl 78,24; Ex 16,4.15; Sb 16,20, sintetizados na citação de Jo 6,31: "Deu-lhes pão do céu a comer" com a finalidade de destacar que Jesus é o verdadeiro maná, que tira a fome do povo⁴.

Outro motivo importante, ao qual o evangelista faz referência no texto, é o da Sabedoria que procede da boca do Altíssimo, apresentada no Antigo Testamento sob a imagem da comida (Am 8,11; Ez 3,3). É a Sabedoria que prepara o banquete para os seus fiéis (Sr 24,19-21; Is 55,1-3; cf Is 65,11-13) e, de maneira semelhante a Jesus, os convida a se alimentar dela dizendo: "Vinde! Comei do meu pão, bebei do vinho que eu preparei" (Pr 9,5).

Levando em conta que a expressão "o pão da vida" não se encontra na tradição hebraica do maná, alguns autores pensam, com razão, que o texto tenha uma relação, também, com o tema da árvore da vida do paraíso terrestre, símbolo de imortalidade. Com efeito, a expressão joanina, referente ao pão oferecido por Jesus "para que não pereça quem dele comer" (v. 50) e a correspondente do v. 51: "Quem comer deste pão viverá eternamente", fazem eco a frases semelhantes do livro do Gênesis, indicando que Jesus é a verdadeira árvore da vida (Gn 2,9; 3,22-24; cf Pr 3,18; 11,30)⁵.

1.3. A dimensão sapiencial-eucarística do texto

Se o texto, rico de referências veterotestamentárias, tem em primeiro lugar, um sentido cristológico, este, porém, não é o único possível. Aos leitores cristãos do fim do primeiro século, os vv. 48-59, com o

³ No texto, alguns elementos apresentam Jesus como o novo Moisés. O "monte" onde ele se encontra evoca o Sinai. A questão levantada por Jesus: "Onde compraremos pão para alimentá-los?" (v. 5), tem estrita relação com a de Moisés em Nm 11,13. O verbo "recolher", *synágein* (συνάγειν), aparece também em Ex 16,16 em relação ao maná. O título de "profeta", dado a Jesus no v. 14, refere-se a Dt 18,15.18. Também o tema do "murmúrio" de 6,41.43b se encontra em Ex 16,2.7.8.

⁴ No versículo não se explicita o sujeito da frase que pode ser, quer Moisés, como pretende a multidão, quer o Pai, como o interpreta Jesus. Cf P. BÖRGEN, *Bread from Heaven*, Leiden: Brill, 1965.

⁵ Cf L. DUSSAUT, *L'Eucharistie, Pâques de toute la vie*, = *Lectio Divina*, 74, Paris: Cerf, 1972, pp. 111-121. O autor frisa que também a expressão do v. 37: "eu não o rejeitarei" está em relação com Gn 3,23-24 que menciona a expulsão do paraíso terrestre.

freqüente convite a comer a carne do Filho do Homem e a beber seu sangue, não podiam não evocar o sacramento da Eucaristia, que normalmente celebravam. Com efeito, a linguagem desse trecho é muito semelhante à da instituição da Eucaristia, narrada por Paulo e pelos sinóticos. Esta compreensão do texto se torna lógica, em particular, à luz de todo o capítulo, que, no v. 62, menciona a glorificação de Jesus, elemento necessário para a interpretação eucarística da secção.

Também o primeiro momento do discurso, em que Jesus é apresentado como o enviado celeste (vv. 32-47), pode receber uma ulterior interpretação. As freqüentes alusões ao dom da Sabedoria e a insistência sobre a importância da fé, levam a pensar que o evangelista, com o tema do pão, refira-se ao dom da revelação que vem do alto, feito por Jesus, semelhante ao da Torá do Antigo Testamento. No quarto evangelho, de fato, a revelação que Jesus oferece se identifica com sua própria pessoa⁶.

Como vários textos joaninos, segue-se, então, que Jo 6,32-47 e 6,48-59 têm diferentes profundidades de sentido. A simbologia veterotestamentária do maná, da sabedoria e da árvore da vida, apontam não só para a pessoa de Jesus, mas também para a sua revelação e para a Eucaristia, realidades através das quais Jesus continua presente na sua Igreja. É evidente que esses dois níveis de compreensão do texto, o cristológico e o sapiencial-eucarístico, se implicam reciprocamente e estão em continuidade entre si.

A secção Jo 6,48-59 não tem, portanto, uma interpretação necessariamente sacramental, como os leitores talvez são levados a pensar⁷. Desta afirmação emerge uma conclusão importante. Se os vv. 48-59 não têm, em primeiro lugar, um sentido eucarístico, mas sim cristológico, é possível criticar a opinião de Bultmann que vê no texto um simples acréscimo do redator eclesiástico, que, realçando o aspecto sacramental, trai o pensamento joanino original⁸.

Depois de termos destacado que o relato quer primariamente apresentar quem é Jesus, vamos nos ocupar da sua dimensão mais estritamente eucarística.

⁶ Nota-se que em Jo 6,32-47 os verbos, no presente, indicam o dom feito pelo Pai por meio de Jesus Cristo aos que crêem, enquanto, nos vv. 48-59, os verbos, no futuro, referem-se ao dom de Jesus aos fiéis.

⁷ Destaca isso X. LÉON DUFOUR, *Leitura do Evangelho de João, II*, São Paulo: Loyola, 1996, p.121.

⁸ A hipótese dos estratos sucessivos de redação, com a qual se explica a composição do quarto evangelho, interpreta a secção Jo 6,48-59, a que atribui primariamente um sentido eucarístico, como um texto acrescentado por parte de um redator da escola joanina, mas elaborado nos estágios iniciais da pregação da comunidade.

2. O interesse eucarístico do autor

Se a interpretação eucarística do pão que desce do céu não é a principal, ela é, porém, visada explicitamente pelo autor; não depende, assim, só das capacidades interpretativas dos leitores à luz da praxe sacramental em vigor na comunidade. A dimensão eucarística do discurso não se encontra, de fato, só nos vv. 48-59, mas é o motivo que orienta a leitura de todo o capítulo. Com efeito, de maneira semelhante aos sinóticos, o quarto evangelista relê o episódio da multiplicação dos pães, com o qual se abre a narração, à luz da Eucaristia. Faz isso utilizando elementos redacionais próprios. Com uma linguagem técnico-sacramental, sublinha que Jesus "toma" os pães e os "distribui" aos presentes (v. 11). À diferença do verbo sinótico "abençoar" (εὐλογεῖν, *eulogein*), referente ao gesto de Jesus sobre os pães, usa o verbo *eucharistein* (cf 6,23), que indica com propriedade de linguagem o ato litúrgico da comunidade que louva e agradece a Deus (1Cor 11,27). Além disso, o autor, diferenciando-se de Mt 14,20-21; Mc 6,42-44; Lc 9,17, não frisa, com uma frase principal, que Jesus, com o seu gesto, satisfaz a fome do povo. Menciona este pormenor numa expressão secundária, destacando a "coleta" (συνάγειν, *synágein*) dos "restos" (κλάσματα, *klásmata*). Através do uso desses dois termos gregos, que, como testemunha a Didaqué (9,4), têm uma segura referência eucarística, salienta assim que o texto aponta para a Eucaristia, lembrando a preciosidade dos fragmentos que sobram em cada celebração. Pode-se acrescentar que o número doze, referente aos cestos, é simbólico e indica a perfeição, acentuando a superabundância do dom de Jesus que supera em muito as exigências dos aproximadamente cinco mil, beneficiados pelo acontecimento. Também o pormenor de que Jesus distribui os pães aos presentes "tanto quanto queriam" (v. 11) realça a dimensão eucarística do relato, destacando provavelmente, em oposição ao maná que perece (Ex 16,16.20), que o alimento de Jesus é imperecível.

Também a indicação temporal: "estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus" (v. 3), que mostra o interesse do quarto evangelista pelas festas judaicas e pelos eventos do Êxodo, aponta para a dimensão eucarística do relato, sendo, na tradição da Igreja primitiva, a Eucaristia um dom pascal por excelência.

Pode-se acrescentar que o texto frisa que os pães multiplicados por Jesus são de "cevada" (vv. 99.13). Esse pormenor, além de relacionar o relato joanino com os milagres alimentícios do Antigo Testamento, em particular com o episódio de 2Rs 4,42-44, faz alusão ao pão usado nas celebrações eucarísticas primitivas⁹. Além disso, para salientar o

⁹ Cf. A JAUBERT, *Leitura do Evangelho segundo João*, São Paulo: Paulinas, 1976, p. 61.

interesse eucarístico do autor, vale a pena notar que, no texto, o destaque é colocado mais sobre os pães do que sobre os peixes, que, no momento da coleta dos restos, não são mencionados.

A perícope que segue, referente a Jesus que caminha sobre as águas, não apresenta traços propriamente eucarísticos; oferece, porém, uma contribuição importante, quer em relação à dimensão cristológica do relato, quer em ordem à sua interpretação eucarística, explicitando quem é o Filho do Homem que oferece ao fiel seu corpo e seu sangue. Com efeito, nela o autor não desenvolve o tema da fúria do mar, que lembra no v. 18, e renuncia a fazer do evento uma manifestação da salvação que Jesus proporciona a seus discípulos numa situação de grave perigo (Mc 6,45-52). Transforma, no entanto, o relato numa epifania divina de Jesus que, como YHWH no Antigo Testamento, manifesta seu poder sobre o mar, símbolo da instabilidade das coisas criadas e do reino do mal¹⁰. De fato, no texto a expressão: "Eu sou. Não temais" (v. 20), não é uma simples fórmula de identificação de Jesus como nos sinóticos, mas faz alusão ao nome divino: "Eu sou" (ἐγὼ εἰμί, *egó eimí*), característico do quarto evangelho. Quem dá o seu corpo e o seu sangue ao crente possui, pois, uma identidade transcendente e divina.

No seu complexo, o Jo 6, embora fundamentalmente cristológico, contém, portanto, claras referências eucarísticas. Por isso alguns exegetas chegaram a defini-lo, talvez com um pouco de exagero, uma "catequese eucarística" ou "uma homilia eucarística"¹¹. Levanta-se, então, a questão: Sob qual perspectiva o autor considera a Eucaristia?

3. A Eucaristia presença do Cristo pascal

Em Jo 6,48-59, o convite a comer a carne do Filho do Homem e a beber seu sangue, é expressado com uma linguagem fortemente realista. Com ela, o autor persegue dois objetivos: opõe-se ao erro docetista que começa a se manifestar nas suas comunidades, realçando que Cristo se manifestou verdadeiramente na carne (1Jo 4,2), e evoca com grande eficácia a Eucaristia. Por essa finalidade, usa conjuntamente o verbo da tradição *esthíein* (ἐσθίειν) (1Cor 11,26-34) e aquele mais concreto *trógein* (τρώγειν), que significa "mastigar" (vv. 54.56.58; cf 13,18). Seu interesse é, pois, o de destacar, embora em filigrana, que a Eucaristia é um encontro real com a pessoa de Jesus.

¹⁰ Cf.. Is 43,16; 51,10; Sl 29,3; 74,13-14; 77,20.

¹¹ As expressões são respectivamente de J. BONSIRVEN, citado por A. STÖGER, "Eucaristia", *Dizionario di Teologia Biblica*, Brescia: Morcelliana, 1965, 482-505 (485) e de B. MAGGIONI, *Os Evangelhos, II*, São Paulo: Loyola, 1995, p. 349.

2. O interesse eucarístico do autor

Se a interpretação eucarística do pão que desce do céu não é a principal, ela é, porém, visada explicitamente pelo autor; não depende, assim, só das capacidades interpretativas dos leitores à luz da praxe sacramental em vigor na comunidade. A dimensão eucarística do discurso não se encontra, de fato, só nos vv. 48-59, mas é o motivo que orienta a leitura de todo o capítulo. Com efeito, de maneira semelhante aos sinóticos, o quarto evangelista relê o episódio da multiplicação dos pães, com o qual se abre a narração, à luz da Eucaristia. Faz isso utilizando elementos redacionais próprios. Com uma linguagem técnico-sacramental, sublinha que Jesus "toma" os pães e os "distribui" aos presentes (v. 11). À diferença do verbo sinótico "abençoar" (εὐλογεῖν, *eulogein*), referente ao gesto de Jesus sobre os pães, usa o verbo *eucharistein* (cf 6,23), que indica com propriedade de linguagem o ato litúrgico da comunidade que louva e agradece a Deus (1Cor 11,27). Além disso, o autor, diferenciando-se de Mt 14,20-21; Mc 6,42-44; Lc 9,17, não frisa, com uma frase principal, que Jesus, com o seu gesto, satisfaz a fome do povo. Menciona este pormenor numa expressão secundária, destacando a "coleta" (συνάγειν, *synágein*) dos "restos" (κλάσματα, *klásmata*). Através do uso desses dois termos gregos, que, como testemunha a Didaqué (9,4), têm uma segura referência eucarística, salienta assim que o texto aponta para a Eucaristia, lembrando a preciosidade dos fragmentos que sobram em cada celebração. Pode-se acrescentar que o número doze, referente aos cestos, é simbólico e indica a perfeição, acentuando a superabundância do dom de Jesus que supera em muito as exigências dos aproximadamente cinco mil, beneficiados pelo acontecimento. Também o pormenor de que Jesus distribui os pães aos presentes "tanto quanto queriam" (v. 11) realça a dimensão eucarística do relato, destacando provavelmente, em oposição ao maná que perece (Ex 16,16.20), que o alimento de Jesus é imperecível.

Também a indicação temporal: "estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus" (v. 3), que mostra o interesse do quarto evangelista pelas festas judaicas e pelos eventos do Êxodo, aponta para a dimensão eucarística do relato, sendo, na tradição da Igreja primitiva, a Eucaristia um dom pascal por excelência.

Pode-se acrescentar que o texto frisa que os pães multiplicados por Jesus são de "cevada" (vv. 99.13). Esse pormenor, além de relacionar o relato joanino com os milagres alimentícios do Antigo Testamento, em particular com o episódio de 2Rs 4,42-44, faz alusão ao pão usado nas celebrações eucarísticas primitivas⁹. Além disso, para salientar o

⁹ Cf. A. JAUBERT, *Leitura do Evangelho segundo João*, São Paulo: Paulinas, 1976, p. 61.

interesse eucarístico do autor, vale a pena notar que, no texto, o destaque é colocado mais sobre os pães do que sobre os peixes, que, no momento da coleta dos restos, não são mencionados.

A perícopes que segue, referente a Jesus que caminha sobre as águas, não apresenta traços propriamente eucarísticos; oferece, porém, uma contribuição importante, quer em relação à dimensão cristológica do relato, quer em ordem à sua interpretação eucarística, explicitando quem é o Filho do Homem que oferece ao fiel seu corpo e seu sangue. Com efeito, nela o autor não desenvolve o tema da fúria do mar, que lembra no v. 18, e renuncia a fazer do evento uma manifestação da salvação que Jesus proporciona a seus discípulos numa situação de grave perigo (Mc 6,45-52). Transforma, no entanto, o relato numa epifania divina de Jesus que, como YHWH no Antigo Testamento, manifesta seu poder sobre o mar, símbolo da instabilidade das coisas criadas e do reino do mal¹⁰. De fato, no texto a expressão: "Eu sou. Não temais" (v. 20), não é uma simples fórmula de identificação de Jesus como nos sinóticos, mas faz alusão ao nome divino: "Eu sou" (ἐγὼ εἰμί, *egó eimí*), característico do quarto evangelho. Quem dá o seu corpo e o seu sangue ao crente possui, pois, uma identidade transcendente e divina.

No seu complexo, o Jo 6, embora fundamentalmente cristológico, contém, portanto, claras referências eucarísticas. Por isso alguns exegetas chegaram a defini-lo, talvez com um pouco de exagero, uma "catequese eucarística" ou "uma homilia eucarística"¹¹. Levanta-se, então, a questão: Sob qual perspectiva o autor considera a Eucaristia?

3. A Eucaristia presença do Cristo pascal

Em Jo 6,48-59, o convite a comer a carne do Filho do Homem e a beber seu sangue, é expressado com uma linguagem fortemente realista. Com ela, o autor persegue dois objetivos: opõe-se ao erro docetista que começa a se manifestar nas suas comunidades, realçando que Cristo se manifestou verdadeiramente na carne (1Jo 4,2), e evoca com grande eficácia a Eucaristia. Por essa finalidade, usa conjuntamente o verbo da tradição *esthíein* (ἐσθίειν) (1Cor 11,26-34) e aquele mais concreto *trógein* (τρώγειν), que significa "mastigar" (vv. 54.56.58; cf 13,18). Seu interesse é, pois, o de destacar, embora em filigrana, que a Eucaristia é um encontro real com a pessoa de Jesus.

¹⁰ Cf.. Is 43,16; 51,10; Sl 29,3; 74,13-14; 77,20.

¹¹ As expressões são respectivamente de J. BONSIRVEN, citado por A. STÖGER, "Eucaristia", *Dizionario di Teologia Biblica*, Brescia: Morcelliana, 1965, 482-505 (485) e de B. MAGGIONI, *Os Evangelhos, II*, São Paulo: Loyola, 1995, p. 349.

No texto joanino, com efeito, os termos “carne” e “sangue”, referentes a Jesus, não devem ser entendidos em sentido cultural, como partes do ser, à luz dos sacrifícios antigos nos quais o sangue da vítima, aspergido sobre o altar, era separado da carne, consumida no banquete sacrificial (Lv 7,1-10; Dt 12,27). Os termos têm um sentido antropológico e ambos indicam a totalidade da pessoa humana na sua condição mortal. Tal é o sentido deles em 1,13: “Os que crêem em seu nome [...] não nasceram do sangue, nem da vontade da carne [...], mas de Deus” (cf Mt 16,17; Hb 2,14). Com essa linguagem, o autor aponta, então, para Jesus na globalidade da sua pessoa. Esta observação é confirmada pelo v. 56, no qual o autor relaciona a expressão “comer a minha carne e beber o meu sangue” com a frase “permanecer em mim”, realçando a correspondência entre os termos “carne” e “sangue” e o pronome pessoal.

Para o evangelista a Eucaristia é, portanto, o sacramento, dado por Cristo aos fiéis, que o contém realmente; não é uma coisa ou um objeto à disposição do ser humano. A comida com a qual, no Êxodo, Deus sustenta seu povo, na nova economia de salvação, se torna, assim, a própria pessoa do Salvador, misteriosamente presente na Eucaristia. O evangelista está tão convencido do realismo das suas afirmações que, perante a contestação violenta das palavras de Jesus (vv. 60-66), faz questão de destacá-lo ainda mais¹².

O texto dá algumas orientações para compreender como o Cristo está presente na Eucaristia. O fato de que a reinterpretação eucarística do texto aconteça na secção na qual se apresenta Jesus como Filho do Homem oferecido na cruz, indica que existe uma profunda relação entre o sacramento e o dom que Jesus faz de si mesmo. Com efeito, a expressão “a minha carne para a vida do mundo” do v. 51, à luz de Jo 1,29, que apresenta Jesus como “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”, assume o sentido de um sacrifício expiatório. De fato, no relato joanino, o autor, fazendo coincidir a morte de Jesus com o momento em que se imolavam os cordeiros no templo (18,28; 19,14), dá realce a esse sentido, que, na época do Novo Testamento, era atribuído a esse ato litúrgico que antecipava a ceia pascal. Segue-se que, para João, a Eucaristia tem um relacionamento todo especial com o Cristo no seu ato redentor e sacrificial¹³.

O pensamento de João é, pois, conforme ao de Paulo que interpreta a Eucaristia à luz da teologia da cruz, como *anamnese* que faz presen-

¹² Perante o escândalo dos seus opositores que recusam comer sua carne (v. 52), Jesus insiste dizendo que, para ter a vida, é preciso também beber seu sangue (v. 53).

¹³ Se, nos sinóticos, fala-se do corpo oferecido “por muitos”, i.é., por todos, João frisa ainda mais explicitamente a dimensão universal da salvação, dizendo que Jesus oferece sua carne para a vida “do mundo”.

te a morte do Senhor (1Cor 10,18-22; 11,26). Sabe-se, porém, que na teologia do quarto evangelista, mais explicitamente que em Paulo, o mistério da morte de Jesus está estritamente unido ao da sua glorificação. Com efeito, o autor faz da cruz a manifestação da glória de Jesus, transformando o sinal de suplício em sinal de triunfo. A dimensão gloriosa do Cristo crucificado é lembrada explicitamente em Jo 6,62. A Eucaristia é, portanto, o sacramento que faz presente Jesus na sua morte e ressurreição.

Na sua riqueza semântica, o texto tem outro matiz de sentido. Em Jo 6,48-59, para indicar o corpo do Filho do Homem, o autor usa o termo "carne", *sárx* (σάρξ), que se diferencia do termo "corpo", *sôma* (σῶμα), característico do sinóticos (Mt 26,26) e da teologia paulina (1Cor 11,24). O motivo da escolha pode depender do fato de o autor designar, com esse termo, o cadáver de Jesus (19,31.38.40; 20,12). Com seu uso, porém, o evangelista tem um evidente interesse teológico. Com efeito, o termo apresenta uma óbvia referência a 1,14, onde se frisa que "o Verbo se fez carne". O autor destaca, assim, a relação entre a Eucaristia e a encarnação do Verbo, aludindo, no conjunto do seu pensamento, ao fato de que se tornar carne por parte do Filho de Deus é o caminho escolhido para o sacrifício (6,51)¹⁴.

A conexão desses temas, presente no texto, indica que para o quarto evangelista a Eucaristia resume em si toda a existência histórica de Jesus, Verbo encarnado, fixado no momento redentor, como Filho do Homem glorificado e mediador de salvação entre o céu e a terra (1,51). Trata-se, pois, do dom por excelência que Deus gratuitamente faz à humanidade, que atualiza no tempo o evento da salvação¹⁵. Levando em conta que no Prólogo o Verbo, distinto do Pai, é Deus (1,1), o evangelista deixa compreender que na Eucaristia está presente a pessoa divina do Filho.

À luz desta relação entre a Eucaristia e o evento da redenção, apresentada em Jo 6,48-59, seguem-se importantes observações.

A primeira é que a Eucaristia não pode ser considerada separadamente da obra histórica de Cristo e da história da salvação. Não pode, pois, ser compreendida simplesmente como um grande milagre operado por Deus que manifesta seu poder, fazendo com que seu Filho esteja presente sob as espécies do pão e do vinho. Com efeito, só como *anamnese* do evento pascal, ela recebe seu sentido pleno.

¹⁴ No texto, fazem referência à encarnação também a expressão "descido do céu" (vv. 33.50.58) e a afirmação que Jesus é "o enviado" do Pai (vv. 39.44.57).

¹⁵ À luz destas considerações, é possível pensar que os dois termos "carne" e "sangue" tenham duas referências simbólicas distintas. A "carne" pode apontar para a encarnação de Jesus, enquanto o "sangue" pode indicar mais sua paixão.

É ainda à luz do fato pascal que a Eucaristia pode ser definida como o “verdadeiro” pão que desce do céu (v. 55). O adjetivo não indica simplesmente a oposição ao maná que perece, se não for consumido no mesmo dia (Êx 16,15-21); nem realça, segundo certa mentalidade platônica, uma ordem diferente de realidade que caracteriza o nutrimento celeste em relação ao alimento terrestre¹⁶. Destaca que a Eucaristia é o nutrimento genuíno, perene e definitivo porque é o sacramento da presença do Ressuscitado na sua Igreja.

O discurso joanino permite colocar em evidência outro aspecto importante. A Eucaristia é memória do evento redentor do Calvário que, através da celebração, se atualiza nos séculos, e não a mera repetição da última ceia. Esta, antecipando tal evento, é só um gesto profético que aponta para o momento salvífico, recebendo do mesmo sua eficácia. O evangelho de João, que não menciona a instituição da Eucaristia, destaca, talvez com mais clareza do que os sinóticos, esse sentido do sacramento.

4. A Eucaristia e seus efeitos

Se o autor faz entrever que a Eucaristia é um encontro com Jesus redentor, realça particularmente os frutos salvíficos que dela decorrem. Faz isso através de uma apresentação em transparência, não os distinguindo claramente dos efeitos que o fiel alcança acreditando em Cristo. Nos vv. 53-54 frisa, pois, que o dom que o batizado recebe com a Eucaristia é o da “vida”, especificando, nos vv. 56-57, em que consiste esta vida.

Como se sabe, não se trata da vida física, nem de uma renovada vitalidade natural do ser humano. O termo “vida”, *zōé* (ζωή), que se diferencia de “vida”, *bíos* (βίος), indica, com efeito, uma nova qualidade de vida, a vida da graça, que implica um novo relacionamento com o Pai e com o Filho, indicada no texto com as expressões “vida eterna” (v. 54) e “viver para sempre” (v. 58). A relação entre encontro com Cristo e dom da vida, feito àquele que tem fé (20,31), que se especifica na relação entre participação na Eucaristia e existência nova, é frisado em particular na condição negativa expressa no v. 53, onde se lê: “Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós”.

É preciso notar que, através dos verbos, quer no presente (v. 54; cf vv. 33.47), quer no futuro (vv. 51.52.57.58) que se referem ao vocabulário relacionado ao termo “vida”, o evangelista frisa que esta vida

¹⁶ C.H. DODD, *A interpretação do quarto Evangelho*, São Paulo: Paulinas, 1977, p. 443.

começa na existência terrena e alcança sua plenitude “no último dia”, explicitando, desta forma, a dupla perspectiva escatológica da sua teologia. A vida nova, oferecida por Cristo, desemboca, pois, na ressurreição (v. 54), da qual a Eucaristia, de maneira especial, se torna o penhor.

Depois desta afirmação global, a expressão do v. 56: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele”, representa a primeira explicação da realidade da vida nova. Trata-se da vida que brota da íntima comunhão que se instaura entre Cristo e o fiel, através da permanência de um no outro, como, no texto, indica a fórmula de reciprocidade, semelhante a várias outras do quarto evangelho (14,23; 17,21.23; 1Jo 3,24; 4,16). A Eucaristia realiza, assim, a recíproca inabitação de Jesus ressuscitado no batizado e do batizado em Jesus, na qual, com o respeito das identidades recíprocas, sem fusão de um com o outro, abolem-se as distâncias e o fiel, como o ramo unido à videira, alcança uma proximidade inacreditável com o seu Senhor, que os Padres gregos chamavam de “divinização”.

Esta afirmação corresponde, de fato, à declaração de que em Cristo se realiza a nova Aliança¹⁷. A Eucaristia se torna, assim, o sinal da nova relação que se estabelece entre o homem e Deus.

No v. 57, o autor aprofunda seu pensamento dizendo que a relação entre o fiel e Cristo se baseia na que existe entre o Pai e o Filho: “Como o Pai que vive, me enviou e eu vivo pelo Pai, também aquele que de mim se alimenta viverá por mim”. A Eucaristia introduz, portanto, na corrente de vida que procede do Pai, definido como “o vivente”, *ho zôn* (ὁ ζῶν), e participada ao Filho que goza da unidade de ser e de agir com Deus¹⁸. O batizado, por meio da Eucaristia, é assim inserido na vida que o Cristo tem em comunhão com o Pai. É preciso notar que, à luz do sentido da conjunção “como”, *kathós* (καθώς), do v. 57, o texto especifica que a comunhão vital do Cristo com o Pai é a causa e a razão que permite a comunhão do fiel com Cristo, a força que a determina e não só um exemplo que o batizado deve levar em consideração. A existência cristã é, pois, moldada pela existência divina por meio de Cristo que se torna o mediador da vida que tem sua origem no Pai¹⁹.

¹⁷ O quarto evangelista não fala mais explicitamente de Aliança, mas faz entrever esta realidade em muitos textos do seu evangelho (cf. Jo 20,17).

¹⁸ No quarto evangelho, outras fórmulas de reciprocidade frisam que os batizados participam do conhecimento, da união e do amor que existe entre o Pai e o Filho (cf. Jo 10,14-15; 14,20; 15,9; 17,21-23.26b).

¹⁹ No texto, a expressão “viverá por mim” (v. 57), pronunciada por Jesus, refere-se ao batizado que acredita nele e se alimenta da Eucaristia. Significa, quer que Jesus, como mediador do Pai, gera a vida nova no fiel, quer que ele representa o fim para o qual aponta a nova existência do cristão. À luz de Jo 4,34; 5,30, a segunda interpretação é preferida por L. DUSSAUT, *Op. cit.*, pp. 118-119.

É interessante observar que, na reinterpretação eclesial do texto, os efeitos mencionados são atribuídos também à acolhida da revelação de Cristo (vv. 32-47). De tal forma, o autor destaca que a vida é outorgada àquele que acredita, quer através da Palavra, quer através do dom da Eucaristia, realçando a continuidade existente entre estes dois momentos da vida eclesial²⁰. Isto não exclui que a Eucaristia seja um meio privilegiado para ter acesso a esse dom escatológico.

O texto permite outras breves observações. Se, na sua essencialidade, não fala nas implicações morais que decorrem do sacramento da Eucaristia (cf. 1Cor 11,28-31), no entanto, as inclui na exigência de "permanecer" em Cristo, a que é chamado cada fiel. Provavelmente o autor as sintetiza numa renovada capacidade de amar, quando, em Jo 13, embora não mencionando a instituição da Eucaristia, frisa no contexto da ceia a importância do amor que é o fruto principal do sacramento (vv. 34-35).

Levando em conta que, para João, o Cristo pascal é por excelência "o Cordeiro que tira o pecado do mundo" (1,29), à luz da estrita ligação entre o sacramento e o evento redentor, é possível supor que o evangelista pense que a Eucaristia tenha também o poder de perdoar o pecado. Com efeito, a vida nova que ela oferece comporta a eliminação de todo mal. Fazendo entrever essa perspectiva, o autor não tira o valor do sacramento da penitência, que, aliás, menciona em Jo 20,23; 1Jo 5,16-17. Será a reflexão posterior da Igreja que especificará as relações entre esses dois atos eclesiais.

5. A Eucaristia sacramento da fé

Os repetidos apelos à fé que se encontram em todo o capítulo, valem também para a Eucaristia. Com efeito, só a fé permite superar a ordem da carne (8,15) e compreender em plenitude o dom de Cristo.

O autor sublinha esta necessidade no v. 65: "Ninguém pode vir a mim, se isto não lhe for concedido pelo Pai". A formulação da frase evidencia com vigor que, com as simples forças humanas, não se pode entender o plano redentor que se realiza em Cristo. Este apelo à fé está presente também na primeira secção do discurso, na qual o pão da vida pode se identificar com a revelação de Jesus. Jo 6,44-45 explica em que consiste essa "concessão" por parte do Pai. Trata-se de se deixar "atrair" por ele, de ser "ensinados" por Deus. A adesão de fé

²⁰ Cf. S. PANIMOLLE, "Io sono il pane della vita (Gv 6,26-58)", *Parola e Vita* 5 (1976) 159-173; aqui, p. 169.

é, pois, consequência de uma operação de Deus no coração dos fiéis, é resposta a uma prévia moção que não depende da vontade do homem. Acontece pela mediação de Jesus, como indica 12,32, onde se encontra o mesmo verbo “atrair” que tem Cristo como sujeito. O impulso interior do coração, dado pelo Pai a todos os seres (v. 45)²¹, conjuga-se assim com o que Jesus realiza através da sua palavra e dos seus sinais (v. 40), levando o homem a abrir-se à salvação.

Só na medida em que o ser humano se deixa envolver por esta dinâmica, pode reconhecer a identidade de Jesus e, em consequência, a verdade da sua revelação e o sentido do dom da Eucaristia. Para o quarto evangelista, a Eucaristia é, portanto, basicamente um sinal que implica a fé e exige a superação da concepção de Jesus como mero taumaturgo, que com seus gestos satisfaz as necessidades humanas (vv. 26-27). O sinal do maná, que, além de ser um milagre material, leva a reconhecer a presença de Deus no meio do seu povo (Dt 8,3; cf Ex 17,7), prepara a descobrir o verdadeiro sentido da Eucaristia como dom salvífico e gratuito que atualiza a presença do Filho do Homem na história.

Na ótica da fé, fortalecida pela força do Espírito Santo que permite entender os eventos do alto e segundo Deus (v. 62), o convite a comer a carne do Filho do Homem e a beber seu sangue pode ser aceito com simplicidade, sem reais dificuldades, porque é compreendido em termos sacramentais²². De fato, não se trata da carne e do sangue de Jesus de Nazaré, mas do “Filho do Homem”, glorificado através da sua paixão e morte (v. 62)²³. Como especifica 1Cor 10,3, trata-se de comida e bebida “espirituais”. Com efeito, o encontro com o Ressuscitado, embora real, não acontece de modo corporal²⁴.

6. A Eucaristia e a perene ação de Jesus

Como foi frisado, Jo 6 deve ser interpretado, em primeiro lugar, cristologicamente. Nele há, porém, também uma evidente concentração sobre a figura de Jesus que se torna o personagem principal do relato. Com efeito, no discurso da sinagoga de Cafarnaum, é Jesus que

²¹ Na expressão de Jo 6,39: “A vontade daquele que me enviou é esta: que eu não perca nenhum dos que ele me deu”, o neutro singular (*pan*, *πᾶν*) universaliza o sujeito.

²² Beber o sangue, tomado ao pé da letra, é um ato condenado pela Escritura (Lv 3,17; 17,10-16; Dt 12,16.23-25).

²³ Levando em conta que os termos “comer” e “beber” têm, em primeiro lugar, o sentido de acolher pessoalmente o Cristo, é difícil que o autor pense numa ceia ou banquete antropofágico (ORIGENES, *Contra Celsum*, 6,27).

²⁴ Em relação à presença do Ressuscitado na Eucaristia, a reflexão posterior da Igreja falará em “transubstanciação”, em “transfinalização”, em “transignificação”.

anuncia o dom do pão que desce do céu e é ele que se identifica com esse pão. Essa concentração aparece também no relato da multiplicação dos pães, no qual o autor mostra seu interesse eucarístico. Com efeito, nele é Jesus que toma a iniciativa de alimentar os que o seguem (v. 6c), que manda as multidões se acomodarem pelo chão (v. 10); é ele que, sem recorrer à ajuda dos discípulos, distribui os pães e os peixes (v. 11) e manda recolher os restos (v. 12).

Na redação joanina, à diferença de Mc 6,32, os discípulos, mencionados desde o início depois das multidões (6,1-3), não têm um papel importante. Filipe e André são simples figuras com a única função de dar destaque a Jesus, sem ter parte ativa nos acontecimentos. Filipe, posto "à prova" por Jesus com a questão: "Onde compraremos pão para alimentá-los?" (v. 6), simboliza a incapacidade humana perante o grave problema que se apresenta. André, embora indique a Jesus o menino com cinco pães e dois peixes, não passa de uma simples voz humana, sem efetivo relevo perante Jesus que atua com uma autoridade superior, manifestando um conhecimento soberano dos eventos ("sabia", vv. 6.15; cf vv. 61.64).

Esta ótica do relato centrada sobre Jesus, que faz parte do processo de cristologização do quarto evangelista, tem algo a dizer também em relação à releitura eucarística do texto. Com esse meio literário, o autor quer destacar, antes de tudo, que o dom do pão eucarístico não pode ser oferecido por ninguém ao mundo a não ser por Jesus. Por isso é totalmente gratuito e ninguém pode comprá-lo.

Além disso, evitando mencionar a mediação dos discípulos na distribuição dos pães às multidões, o evangelista, que escreve no final do primeiro século, quer provavelmente frisar que, também depois do evento da sua morte e ressurreição, Jesus continua ativo na celebração dos sacramentos da sua Igreja. Isto acontece em particular para a Eucaristia que é o sacramento da sua presença.

Confirmando esta perspectiva, os autores levam em consideração o relato da cura do cego de nascimento. A narração, que na sua dimensão cristológica proclama que Jesus é a luz do mundo (9,5; cf 8,12), pode ser interpretada também a nível sacramental. Segundo esta ótica, a abertura dos olhos do cego, acompanhada pela profissão de fé aos pés de Jesus (9,35-38), se torna símbolo do batismo, levando em conta, em particular, que Hb 10,32 compara o sacramento da iniciação cristã a uma iluminação. Também nesse texto, o autor realça que a cura do doente crônico é devida exclusivamente à ação de Jesus, sem qualquer mediação dos discípulos.

À luz desses textos, é possível afirmar que o quarto evangelista quer destacar não só que a ação de Cristo continua nos sacramentos

da Igreja, mas que ele, em cada celebração, é seu único verdadeiro autor²⁵. A partir dessa observação, que aponta para o essencial, é difícil, porém, deduzir, como quer a hipótese levantada por alguns exegetas, que o evangelista queira se opor a um processo de exagerada sacramentalização em ato na comunidade primitiva.

7. *A Eucaristia e a comunidade dos fiéis*

Na releitura eucarística de Jo 6, pode-se notar que a atenção do autor cai constantemente sobre a relação entre a pessoa particular e Cristo. Com efeito, no discurso frisa-se sempre aquele — no singular — que come a carne e bebe o sangue do Filho do Homem (vv. 54.56.57b), indicado nos vv. 50.51 com o pronome indefinido “quem”, *tís* (τις), sem que o plural do v. 53, referente aos ouvintes de Jesus, modifique a ótica do autor. Essa maneira de se expressar se encontra também na secção em que o pão descido do céu é interpretado como a revelação de Jesus (cf vv. 34b.37.40.45.47). O autor parece, assim, limitar-se a uma consideração individualista do relacionamento entre o fiel e Cristo. Essa impressão não corresponde à verdade, porque o evangelista, embora focalizando-se inicialmente sobre aquele que entra em comunhão com Jesus, acaba sempre se referindo à Igreja.

Isto acontece nas grandes metáforas joaninas, como a do pastor e das ovelhas, ou a da videira e dos ramos. Nelas, a atenção vai em primeiro lugar para cada uma das ovelhas que seguem a Jesus, da qual ele conhece o nome (10,3), ou para os ramos particulares enxertados na cepa vital da videira que formam, com o tronco, uma única realidade (15,2.4.5). Ao longo das duas narrações, porém, emerge a imagem da Igreja, constituída pelo conjunto dos fiéis e qualificada como “grei” (10,16c) ou apresentada com a figura da planta, rica de muitos ramos, pelos quais circula a mesma seiva que dá a vida.

O evangelista, sem carregar na dimensão institucional da comunidade cristã, necessária para sua existência no mundo (1Cor 10,29-30), coloca, assim, em destaque que o elemento básico que forma a Igreja é a união de cada batizado com Jesus glorificado (17,21-23). Não esquece, porém, o relacionamento que se instaura entre o Cristo e todos os batizados. Esta dimensão é realçada em Jo 12,32: “Quando eu for elevado da terra atrairei todos a mim”, texto que contém a idéia de que Cristo e os que nele crêem formam uma personalidade corporativa.

²⁵ Em relação ao sacramento da penitência, o autor frisa o papel que nele têm os membros da comunidade (Jo 20,23).

Em consequência da transparência que no texto existe entre o nível cristológico e o eucarístico, também em relação à Eucaristia o autor evidencia em primeiro lugar a ligação vital que se estabelece entre o fiel e Cristo, sem ignorar que o sacramento realiza a unidade de todos os que se nutrem do mesmo corpo e sangue do Filho do Homem. Sua teologia, embora de maneira diferente, está, portanto, em sintonia com a de Paulo que frisa mais explicitamente a relação existente entre a Eucaristia e a formação da comunidade (1Cor 10,17; cf Rm 12,5).

8. À guisa de conclusão

Jo 6, como todo o quarto evangelho, é altamente simbólico. Sua linguagem é "aberta" e de grande riqueza semântica. Procedendo por alusões, revelando e ao mesmo tempo escondendo, o autor interpreta o pão da vida, quer como a pessoa histórica de Jesus, quer como a revelação e a Eucaristia que ele doa à sua comunidade. As diversas camadas se relacionam entre si; uma está em consonância com a outra, uma aponta para outra e se funde com a outra, todas destacando que Jesus é a única verdadeira resposta à fome do ser humano²⁶.

Na perícope específica de Jo 6,48-59, onde se encontra a terminologia da ceia sem que o texto seja uma reelaboração do relato sinótico ou paulino da instituição²⁷, o evangelista destaca a relação que existe entre o sacramento da Eucaristia e a oferenda sacrificial de Jesus na cruz para a vida do homem, na sua qualidade de Verbo encarnado, glorificado pelo Pai. À luz desta perspectiva, o autor ressalta em particular os dons escatológicos, que a Eucaristia proporciona, já a partir da existência terrena. Eles devem ser acolhidos na fé, na espera da plena manifestação daquele que, ressuscitado pelo Pai, continua ativo na sua comunidade, reunindo ao redor de si todos os que acreditam nele.

O interesse do autor é, portanto, basicamente teológico. Por isso, a narração joanina da multiplicação dos pães que prepara a secção e apresenta em filigrana a Eucaristia, não pode ser interpretada como

²⁶ No quarto evangelho, menciona-se a Eucaristia também em 19,34, mencionando o sangue que jorra do lado transpassado de Cristo. A interpretação eucarístico-sacramental é possível também em relação ao vinho de Caná (2,1-11) e a 21,9-13.

²⁷ No texto, fala-se de "carne" e "sangue", de "comer" e "beber", como em 1Cor 11,23-27 e em todos os relatos sinóticos da instituição. No v. 51, como em Mc 14,22-24; Mt 26,26-28; Lc 22,19-20, frisa-se a relação da Eucaristia com o ato redentor de Cristo, que tem eficácia universal. O tema do "permanecer" em Cristo (v. 56) aponta para a realidade da Aliança, sobre a qual insistem Paulo e os sinóticos (1Cor 11,25; Mc 22,24; Mt 26,28; Lc 22,20).

um exemplo de solidariedade para com os pobres, da qual nasce uma humanidade nova, baseada na convivência e na fraternidade, perspectivas estas mais apropriadas à teologia dos sinóticos. Realçando que a Eucaristia atualiza na história o evento fundador da salvação, o quarto evangelista leva, assim, o fiel ao essencial, lembrando-lhe a importância básica desse sacramento na vida cristã e destacando que sua verdadeira compreensão só se pode realizar no âmbito de um encontro pessoal com Cristo.

Alberto Casalegno SJ é licenciado em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico (Roma), e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Atualmente é professor de Sagrada Escritura na Pontifícia Faculdade Teológica da Itália Meridional (Nápoles). Publicou *Gesù e il Tempio*: Studio redazionale di Lucca/Atti, Brescia: Morcelliana, 1984.

Endereço: Via Petrarca 115
80122 Nápoles — Itália
e-mail: casalegno.a@gesuiti.it